

AINDA A LAMENTAR: UMA BIOGRAFIA POSSÍVEL

STILL TO LAMENT: A BIOGRAPHY POSSIBLE

Rosa Amélia Barbosa

UTFPR, Brasil
rosa.amelia@gmail.com

Resumo

Neste texto o trabalho *Ainda a lamentar*, da artista brasileira Rosana Paulino é explorado como artefato, como potência expressiva. Fazemos uma abordagem sobre sua materialidade, para desencadear uma possível biografia, explorando os encontros, contornos e poéticas do material utilizado pela artista. Como fundamentação teórica utilizamos os estudos de Miller (2013) sobre a cultura material e Joly (2012) quanto aos signos plásticos, icônicos e verbais.

Palavras-chave: *Ainda a lamentar*; materialidade; poética; Rosana Paulino.

Abstract

On this text the work *Still To Lament*, of the Brazilian artist Rosana Paulino is explored as artifact, as expressive power. We make an approach on your materiality, to trigger a possible biography, exploring the meetings, contours and poetics of the utilized material used by the artist. As theoretical foundation we used the studies of Miller (2013), about the material culture and Joly (2012) about the plastic signs, iconic and verbal.

Keywords: *Still To Lament*; materiality; poetics; Rosana Paulino.

Uma biografia possível

Este texto tem como ponto de reflexão o trabalho *Ainda a lamentar* de Rosana Paulino.



Figura 1: Rosana PAULINO. *Ainda a lamentar*. DAS (cerâmica fria), cordão, madeira, plástico e metal.

23,0 x 8,0 x 49,5 cm – 2011. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br>

Utilizamos essa peça como artefato que possui história, significado e identidade. Como Miller (2013), pensamos a mistura da materialidade com a “ideia de que os trechos de algum modo drenam nossa humanidade” (p.11). Assim como as pessoas que possuem biografias e ciclos de vida, também as coisas devem ser pensadas sob essa perspectiva, considerando que a trajetória do artefato pode nos levar a lugares que dificilmente iríamos seguindo apenas os humanos, buscando as relações constituídas no objeto.

A perspectiva é traçar possibilidades de uma investigação biográfica para *Ainda a lamentar* pensando os seus atravessamentos, sua materialidade, a fala da própria artista e as diferentes camadas interpretativas que o trabalho oferece. A tentativa é exercitar a reflexão sobre as mediações propostas pelos elementos e narrativas tramadas a cada leitura/interpretação da obra, em um dado contexto. Nesse trabalho, exploramos a reflexão sobre os signos plásticos, icônicos e verbais¹, pensando uma biografia possível.

Sobre a artista

Rosana Paulino é natural de São Paulo, desde a infância vive na Freguesia do Ó, onde também está localizado seu ateliê. Doutora em poéticas visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, é especialista em gravura pelo London Print Studio, de Londres e bacharel em gravura pela ECA/USP. Entre 2006 e 2008 foi bolsista do Programa Bolsa da Fundação Ford e Capes de 2008 a 2011. Em 2014 recebeu a bolsa para residência no Bellagio Center, da Fundação Rockefeller, em Bellagio na Itália. Investe em pesquisas que resultam em produções visuais.

Em entrevista realizada pelo estúdio de pintura Apotheke (2016), afirma que para manter seu ateliê em pleno funcionamento depende de aulas e outras atividades como palestras e oficinas. Considera-se uma artista profissional pela relevância que o trabalho alcançou ao longo dos tempos, mas, por outro lado, não consegue viver apenas com os recursos do seu trabalho artístico.

Sua produção visual dialoga com as memórias familiares. Rosana conta em entrevista concedida à pesquisadora Célia Maria Antonacci (2014) que a mãe é influência marcante do seu trabalho, pois, desde a infância, incentivou brincadeiras com argila e desenhos. Hoje, esse tipo de material e técnica, são presença constante no trabalho da artista. Rosana possui uma vasta produção artística, com destaque aos trabalhos produzidos de 1994 até o presente momento. Diversifica a materialidade utilizada, com ênfase às gravuras, desenho, colagem, terracota, costura e utilização de fotografias recriando as camadas de leitura dessas imagens.

¹ Os signos plásticos se referem a elementos como cores, formas, composição, textura; os signos icônicos tratam da imagem especificamente e os signos verbais o conteúdo linguístico, como propõe JOLY, 2012.

Seu trabalho artístico volta-se às questões sociais, étnicas e de gênero. Ela assume (ANTONACCI, 2014) que suas escolhas, produção visual e pesquisas buscam responder à questão: “Onde estão os negros na sociedade?”. Enfatiza discussões acerca das mulheres negras. Rosana problematiza a posição que essas mulheres, historicamente excluídas, ocupam no cenário contemporâneo, pensando os diferentes tipos de violências sofridas, e ainda, as marcas deixadas pela escravidão.

As pesquisas de Rosana Paulino direcionam-nos a um caminho de encruzilhada artística, científica, social, política e cultural. Elas são passíveis de muitas camadas de leitura, como diz Rosana, mas estão sempre associados ao corpo, ao corpo que se apresenta, interroga e denuncia. Percebemos nas poéticas de Rosana Paulino formas possíveis de trabalhar os limites sociais e epistêmicos, impostos aos escravizados e aos subalternos, a partir da subjetividade. (ANTONACCI, 2017, p. 290)

De modo geral, sua produção artística traz para a arena de discussão uma série de suturas da história nacional, mas, ao mesmo tempo, com uma abordagem sensível. “No meu caso é uma coisa que nasce de fora para dentro, questiono constantemente meu lugar – e o lugar dos meus – no mundo. Não nasce de algo que vem de fora, é a minha própria essência”, esclarece Rosana em entrevista (ANTONACCI, 2014).

Seu trabalho dialoga com a condição sócio-histórica brasileira e, ao mesmo tempo, aborda as memórias coletivas e individuais. Nesse sentido, trabalha com imagens de uma sensibilidade feminina culturalmente determinada, sobretudo questionando os lugares sociais destinados às mulheres negras: “Manipulando a diferença na arte, Paulino expandiu suas “retratospectivas” que trabalhavam com antigos retratos familiares, falando de um universo negro e feminino, para lidar com novas instalações utilizando suportes originais” (CANTON, 2001, p. 90).

Ainda a lamentar situa-se numa etapa de produção investigativa da nossa artista. Em 2011 Rosana defendeu sua tese de doutorado, encerrando uma etapa de formação acadêmica, com perspectivas de investir em novas pesquisas, aprofundando suas reflexões políticas e sociais e desenvolvimento de novos trabalhos.

Convidada a participar da Bienal Naïfs do Brasil 2016, Rosana afirma ter se sentido muito contente, já que se trata de um tipo de produção artística considerada de forma bastante pejorativa durante muito tempo no Brasil. Além disso, as referências populares são presença marcante na produção visual de Rosana. Na exposição dessa bienal, duas peças estiveram presentes. *Ama de leite I*, um trabalho em terracota que insere no resultado final, fitas de cetim coloridas, bonecos e tem uma forte influência da cultura popular, segundo a artista. E *Ainda a Lamentar*, uma peça que para a artista

traz bastante informação sobre esse local social ocupado pelas negras. E é uma peça que, ela vai trazer também, elementos ainda que estão povoando aí o imaginário, são colocados para a mulher que é a família, a necessidade da família, do casamento, e



outras coisas que nos são impostas. E ao mesmo tempo eu gosto muito da peça porque ela feita com DAS que é um material muito usado em artesanato. A minha produção também dialoga não só na escolha dos temas mas no uso dos materiais com o artesanato. (Bienal Naïfs do Brasil, 2016, transcrição de entrevista)

Esta última, objeto do texto aqui apresentado, será discutida adiante, pensando os elementos de sua composição material e biográfica.

Sobre Rosana Paulino há uma vasta produção acadêmica que dialoga e/ou discute seu trabalho artístico. No conjunto, essa produção intelectual varia entre artigos e produções livres² até dissertações³ e teses⁴. Como um todo, os textos reafirmam a importância da artista no cenário atual, realçando a potencialidade social da sua obra e as discussões sobre os negros na sociedade brasileira. Seja quanto aos silenciamentos, a invisibilidade ou os traumas da escravidão as pesquisas são realizadas em diferentes áreas de conhecimento.

Contexto e materialidade

Ainda a lamentar, quais histórias, que narrativas esse trabalho carrega? Esse artefato participa do fenômeno social já que possui intrínseco a ele uma série de relações, como todo artefato, é atravessado por histórias.

A peça é constituída por diferentes materiais. A mulher, construída com a modelagem em cerâmica fria permite uma série de leituras. Rosana utiliza uma pasta para modelar tratada, chamada DAS. Esse tipo de matéria prima é utilizado por modeladores já que possui uma maleabilidade que permite a criação de diversas esculturas. Sua textura e plasticidade são características marcantes, com secagem final que varia entre 24 e 48 horas, dependendo da temperatura e umidade. Não vai ao forno e não é tingida antes da produção do trabalho, mas permite que após a secagem final tintas a base de água, esmaltes, tinta a óleo e qualquer tipo de verniz e canetas hidrográficas sejam utilizadas no acabamento. Nesse caso, Rosana aplica tinta, sem uniformidade, como vemos nos detalhes da cabeça, por exemplo. São marcas dos lamentos que ainda temos a fazer?

² Há um levantamento no site da própria artista, com a disponibilização dos links de acesso. Para conferir: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/imprensa/>

³ VIANA, Janaina Barros Silva. Uma possível arte afro-brasileira: corporeidade e ancestralidade em quatro poéticas. São Paulo, 2008. OLIVEIRA, Ivaina de Fátima. A (In) visibilidade da cultura negra africana no ensino de artes visuais [manuscrito] / Ivaina de Fátima Oliveira. 2008.

⁴ COUTINHO, Andréa Senra. Poéticas do feminino/feminismo na arte contemporânea : transgressões para o ensino de artes visuais em escolas. Universidade do Minho, Braga, 2010.

DOSSIN, Francielly Rocha. Entre Evidências Visuais e Novas Histórias: Sobre Descolonização Estética na Arte Contemporânea. Orientação Maria Bernardete Ramos Flores. UFSC. Florianópolis, SC, 2016

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas (tese de doutorado). São Paulo: IA/Unesp, 2016.

A mulher é negra, está de pé, não possui braços, e não precisa de nenhum suporte para manter-se sobre seus pés. Seria uma sutil referência às esculturas antigas, quebradas, vestígios de uma época, de uma vivência? O corpo inclinado para frente, visivelmente apresentando o peso de arrastar a madeira que está carregada de objetos e literalmente amarrada a esse corpo. Nos permite pensar, qual o peso e quais as amarras essa mulher negra carrega historicamente? Há nesse percurso histórico, fatos que deceparam, mutilaram seus corpos, como aparece nessa peça? O que conhecemos dessa história, sob a ótica das mulheres negras?

O corpo dessa mulher, possui maior dimensionamento das pernas, desde as coxas até os pés. Qual o percurso da caminhada percorrida pelas mulheres negras? Essa evidência visual, o que nos diz daquilo que conhecemos do percurso da população negra no Brasil? Toda a peça possui marcas do manuseio da artista, textura rugosa. Quais são as marcas deixadas pela história dessa população? Ou devemos mudar pergunta e nos sentir provocados a descobrir quais histórias essas marcas remetem?

A personagem está nua, seios, boca e olhos delineados em relevo. A cabeça inclinada marca o gesto de olhar para baixo, com a boca entreaberta. O cabelo modelado em blocos, constrói a perspectiva de vários rolos dos fios presos. O que mais está aprisionado e que podemos nos perguntar a partir desse trabalho? Quais clamores estão impressos nesta expressão?



Figura 2: Detalhe da peça *Ainda a lamentar*. Rosana Paulino – 2011.

Quais histórias atravessam essa figura forte, mas ao mesmo tempo dilacerada, que aparece neste trabalho representada como a mulher negra? Essa mulher, sua curvatura, gesto e expressão o que nos provoca a buscar? Quais naturalizações ela traz consigo e quais são as

contradições? Todas as perguntas aqui apresentadas, constituem algumas possibilidades de construção de narrativas a partir da mulher negra que ainda tem a lamentar.

O peso das amarras contemporâneas estão de que modo relacionados com as memórias e as marcas da escravidão? Como podemos relacionar a materialidade desse trabalho, com a potência expressiva dessa mulher que ainda lamenta? Há muito a ser ressignificado, revisitado para que outras histórias sejam contadas. Quais histórias as mulheres negras constroem em nosso país? Ainda vivem a lamentar o passado ou os lamentos são das condições do tempo presente? Quem são essas mulheres negras na nossa sociedade hoje?

Essa peça dialoga com toda produção de Rosana, tanto nos trabalhos que a antecedem, que denunciam a dor e o sofrimento da população negra no Brasil. Como a série *Bastidores* de 1997⁵, a série *Colônia* de 2006⁶, e *As Amas* de 2009⁷. Mas o diálogo também atravessa a produção posterior, como nos *Assentamentos* de 2012 e 2013⁸, a série *Adão e Eva no paraíso brasileiro* de 2014⁹ e ainda as exposições *Atlântico Negro* e *Atlântico Vermelho*, 2016 e 2017¹⁰, respectivamente.

A produção da Rosana é marcada pela presença da mulher negra. Essa mulher silenciada, invisibilizada, oprimida rodeada de histórias. Aqui essa imagem, muito mais que uma ilustração, é ponto de partida, é produtora de sentidos e significados. O que ela evidencia produz camadas de leituras diversas, seus silenciamentos também dizem muito. O que as ausências por nós identificadas querem revelar? Continuemos a esmiuçar esse trabalho.

A personagem curvada, de pernas grossas e pesadas arrasta um bloco de madeira no formato de um longo paralelepípedo. Trata-se de um bloco desgastado, surrado. Ela está ligada a ele por fios de sisal, este por sua vez, trata-se de uma fibra rígida extraída das folhas de plantas denominadas assim. Sua cor varia do branco ao amarelo-claro, nesse trabalho, Rosana utiliza o barbante, tradicionalmente usado no artesanato. Os fios perpassam seu pescoço, peito e cintura e constroem uma trama envolvendo a madeira. São amarras? São laços? Ou quem sabe as duas coisas. Amarras de uma história da escravidão naturalizada. Ou laços e 'refazimentos' como a autora propõe em trabalhos como *Assentamentos*¹¹?

Sobre o bloco de madeira, carregado de valor simbólico, enviezado no peso da escravidão que se arrastou por muito tempo neste país. Ele nos remete ao tronco, ao pelourinho, ao castigo, ao mesmo tempo, ao peso dessa narrativa. Sobre ele estão amarrados alguns objetos. Na parte da

⁵ Para saber mais acesse: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/?s=bastidores>

⁶ Para saber mais acesse: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/soldados-soldiers/>

⁷ Para saber mais acesse: <http://rosanapaulino.blogspot.com/2009/>

⁸ Para saber mais acesse: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/>

⁹ Para saber mais acesse: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/assentamentos-no-ipn/#comments>

¹⁰ Para saber mais acesse: <http://www.galeriasuperficie.com.br/artistas/rosana-paulino/fotos/>

¹¹ Assentamentos constitui três séries de trabalho de Rosana Paulino, de 2012 a 2014. Para saber mais acesse: <http://www.rosanapaulino.com.br>



frente um boneco, homem branco. Com gesto imponente, braço direito apoiado na cintura, ereto e vestido com fraque. No trabalho, é o único que está vestido. Suas roupas carregam marcas de uma 'superioridade' historicamente construída? Ou revelam a desigualdade social não superada? Há ainda a possibilidade de representar o poder e a dominação sobre as tantas pessoas negras que foram escravizadas e que realmente, nos colocam na condição de pensar como ainda temos a lamentar. Não há nenhuma outra cor no boneco, apenas o branco. Quem é ele? O senhor? O opressor? O chefe ou legislador que historicamente manteve os negros em posição desigual na sociedade brasileira?

Um coração de cerâmica, vem em seguida. É uma chamada de humanidade? Propõe novas significações? Resignificações? Outros circuitos de relações entre brancos e negros, quem sabe. Resgata afetos, memórias e outras histórias construídas e ainda a construir? Esse coração pulsante de humanidade tem muita *Ainda a lamentar*.

O anel dourado em metal. Sobrepõe ou desloca as possíveis histórias que atravessam *Ainda a lamentar*? Quais representações ele potencializa para a artista? Há aproximações ou distanciamentos com elos, circuitos? Quais alianças estão imbricadas nessa narrativa, nessa história nacional? Quais valores esse objeto traz para o diálogo nessa peça?

Por fim uma boneca branca, de plástico, nua. Dessas bonecas em miniatura, utilizadas em composições como maquetes, decoração. Essa boneca representa os filhos dos senhores, amamentados pelas amas de leite? Crianças que superaram as marcas dessa história de desigualdades? Crianças das quais as mulheres negras são babás ainda hoje? Crianças que não estão carregadas de preconceitos e não são cheias de verdades? Ou ainda, crianças como um viés de esperança, de superação de reconstrução social? De pessoas que lutam pela diminuição da desigualdade, que não se deixam levar pelas naturalizações que menosprezam a dor dos outros.



Figura 3: Detalhe da peça *Ainda a lamentar*. Rosana PAULINO. – 2011.

Essa materialidade trama possibilidades, são diferentes camadas de leitura, são inúmeras as interpretações. É uma peça convite, convida à revisão histórica e ainda chama à caminhada. Carrega consigo as marcas do percurso de sua autora. Rosana poetiza a história e faz da sua produção visual instrumentos para outras histórias. Cada trabalho carrega muitas narrativas, sejam elas pessoais, alheias, familiares e coletivas, transformadas em produção visual.

Ainda a lamentar, quem lamenta? A mulher, a artista ou somos nós? O que temos a lamentar? Esse lamento está atrelado à escravidão ou a vida atual? Há necessidade de nos lamentarmos pelas duas coisas? Em quais aspectos? Miller (2013) pensa em “como as coisas fazem as pessoas” (p.66), e nos perguntamos como as pessoas fazem as coisas?

É também Miller (2013) quem diz que «a melhor maneira de entender, transmitir e apreciar nossa humanidade é dar atenção à nossa materialidade» (p. 10). Então, cabe questionar, o que a materialidade do trabalho *Ainda a lamentar* nos diz? O que as perguntas aqui levantadas e tantas outras que emergem no momento de apreciação desse trabalho nos permitem construir?

Rosana, ao falar do diálogo de sua produção visual com o artesanato, nos leva a pensar sobre os processos que estão atrelados e que são possíveis nessa discussão, nessa proposta de refazimento, que ela insistentemente considera.

As tramas, amarras, laços, cores, formas, gesto, resgatam, dentro do circuito de produção de Rosana Paulino, os preconceitos e as marcas que a escravidão deixou na sociedade brasileira. Ela sempre problematiza a invisibilidade, o descaso, a inferioridade, a agressão à população negra no Brasil. Sabemos que a abolição da escravatura aconteceu no Brasil com a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, que outorgava liberdade aos escravos. Na poética construída pela artista ela nos instiga a pensar: em que medida e circunstâncias a escravidão foi abolida? O que temos a lamentar e reconstruir, ressignificar? A potência expressiva do seu trabalho é um ponto de reflexão ímpar.

Stuart Hall, ao perguntar-se “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”(2003) descreve uma conjuntura de deslocamentos que está propiciando um espaço global para a presença do negro no sistema de arte. “Não podemos simplesmente reafirmar a “democracia”. Mas a questão multicultural também sugere que o momento da “diferença” é essencial à definição de democracia como *um espaço genuinamente heterogêneo*. (HALL, 2003, p. 83, grifo do autor). As resistências e as camadas que compõem *Ainda a lamentar* são efetivamente um convite a conhecer e reconhecer a história biográfica da peça.

A leitura desse objeto em contínuo processo de refazimento, se transforma e nos transforma à medida que o desenho da sua história e biografia se constitui. Concordo com Hall (2003) quando afirma que “frequentemente operamos com uma concepção excessivamente simplista de “pertencimento.” (p.80). Além do pertencimento, precisamos avançar no entendimento da materialidade que nos cerca e nos constitui.



A leitura de *Ainda a lamentar* a partir das fotografias aqui apresentadas nos permite retomar a discussão da imagem como linguagem específica e heterogênea, como nos propõe Joly (2012), nos provocando a relativizar sua interpretação, pensando todos seus elementos e signos. Associando os signos plásticos, icônicos e verbais, em suas conotações e diálogos com temporalidades múltiplas (passado/presente), o que ajuda a situar melhor o contexto de produção de sentido e o modo como nos constituímos e somos constituídos pelo processo de interação e leitura da obra.

Uma outra chave de leitura da peça é a fala da própria artista. Como vimos, o que ela diz sobre o trabalho pode ou não reverberar sobre uma leitura interpretativa das narrativas e poética de *Ainda a lamentar*. A partir da imagem, propusemos aqui uma revisão imagética do trabalho, uma chamada ao olhar atento aos signos plásticos. Em muitos aspectos, levantamos possibilidades não registradas na fala da artista, eis aí caminhos para relativizar e construir diferentes camadas de leitura, diferentes diálogos.

Como um mapa a ser desvendado, *Ainda a lamentar* me instiga a buscar sua história, ouvir as vozes que atravessam essa peça que encanta e sensibiliza. Como na imagem, fica a sensação de “peso” em seguir a caminhada, desbravando essa história e conhecendo os significados que constituem cada elemento desse trabalho de Rosana Paulino. Aqui iniciamos o percurso de uma possível construção biográfica desse trabalho, tarefa que ainda tem um longo caminho a percorrer.

Sobre a metodologia de investigação

Seguindo a perspectiva da cultura material, a relação entre a concretude da obra e a trajetória da artista, ensaiou-se uma biografia do artefato como uma alternativa investigativa. Segundo Ferrarotti (1988), o método biográfico compreende o desenvolvimento de um procedimento investigativo que leva em consideração a relativização de determinada abordagem.

A biografia representa a possibilidade de pensar os entre lugares, os espaços existentes entre as categorias, construindo possibilidades outras de leitura dos artefatos. Além do valor investigativo, a biografia também propicia a revisão da narrativa do sujeito.

O trabalho aqui apresentado, evidencia o início de uma construção biográfica. Pensamos as diferentes possibilidades de construção de uma narrativa biográfica do artefato considerando a possibilidade de relativização. A partir dessa revisão dos signos plásticos, pretendemos seguir construindo a trajetória e deslocamentos até aqui traçados para o trabalho *Ainda a lamentar*.

Para seguir desvendando a biografia de *Ainda a Lamentar*, precisamos investir em novas descobertas. Como esta obra costuma ser mostrada, nos espaços onde circula? Além da Bienal Naïfs do Brasil 2016, de quais outras exposições, instalações ela fez parte? Como essa peça costuma ser divulgada? Outras obras por perto, contaminam seu sentido? Como ela é atualizada? Sobre a trajetória do objeto em sua transformação de significado ainda há muito a desvendar.



Considerações possíveis

Inserido num sentido de reflexão dos signos plásticos para desencadear a construção biográfica, este texto propõe rever possibilidades de leitura de um trabalho artístico. Para tanto, buscou-se a significação a partir da materialidade do artefato, dos objetos que constituem o trabalho *Ainda a lamentar* de Rosana Paulino, e que configuram a cultura material conceituada por Miller (2013).

É possível perceber como o trabalho está intimamente relacionado com toda a produção visual, a poética da artista Rosana Paulino, é também possível pensar o que a própria materialidade nos diz. *Ainda a lamentar* possui diferentes camadas de leitura. Desde o contexto de exposição na Bienal Naífs do Brasil 2016, até o papel das mulheres negras na sociedade brasileira. Tema de discussão da nossa Rosana.

A partir da fala de Paulino entende-se que a peça foi construída numa perspectiva de imagem/denúncia, como boa parte dos trabalhos da artista. A história e assinatura de uma artista negra, brasileira, contemporânea singularizam o trabalho, ao revisarmos a história nacional marcada por desigualdades.

Como na poética inspiração teórica e reflexiva de Stallybrass (2016) o poder da materialidade em colocar em ação essas redes, seja sua capacidade de ser permeada e transformada, e ainda sua capacidade de durar ao longo do tempo. *Ainda a lamentar* tem muita história a contar, a construir e a modificar. Esse texto esboça algumas possibilidades de imersão nessa busca biográfica da trajetória da peça.

Como afirma Mieke Bal,

Tradicionalmente, dicho círculo, conjunto-detalle-conjunto, da por sentada la autonomía y la unidad del objeto. Esta asunción autonomista ya no es aceptable, especialmente a la luz de los entresijos sociales de la “vida” de los objetos. [...]

las prácticas interpretativas en los estudios de cultura visual defienden que el significado es dialógico. Este “sucede” más que existe a priori de la interpretación. El significado es el diálogo entre el espectador y el objeto, así como entre distintos espectadores. (BAL, 2016, p. 50-51)

Múltiplos olhares são possíveis, constituindo relação de sentidos e significados na interação dos diferentes signos da imagem. Esta foi nossa proposta.

Para desconstruir e reconstruir caminhos a partir desse trabalho de Rosana Paulino, entendemos, como García-Canclini, que “não se pode desconstruir essas visões estereotipadas sem promover uma ruptura entre as noções de cultura e identidade” (2003, p.77). Reiteramos, portanto, que este trabalho aqui iniciado, tem vistas a se desdobrar numa investigação aprofundada do assunto.



Referências

ANTONACCI, Célia Maria. *Rosana Paulino: Enunciações Poéticas de Arte Africana Contemporânea*. **Rebento**, São Paulo, n. 6, p. 272-291, maio 2017.

_____. **Rosana Paulino**. [Entrevista]. Entrevistadora: Célia Maria Antonacci. 2014.

APOTHEKE REVISTA. Entrevista com Rosana Paulino. **Apotheke Revista**, Santa Catarina, v.2, n.1, ano 2, fevereiro de 2016.

BAL, Mieke. **Tiempos transtornados**: análisis, historias y políticas de la mirada. Madrid: Ediciones Akal, 2016.

CANTON, Katia. **Novíssima arte brasileira**: um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras, 2001.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EdUSP, 2000 (Ensaio Latino-americanos, I)

_____. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais/Stuart Hall. SOVIK, Liv (org). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller; revisão técnica Rolf de Luna Fonseca. 14 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Série Ofício de Arte e Forma)

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. 1.reimp. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PAULINO, Rosana. **Rosana Paulino** |Artistas| Bienal Naïfs dos Brasil 2016. entrevista [2016]. Sesc São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br>> Acesso em 28 de maio de 2018.

SOVIK, Liv. Apresentação. *Para ler Stuart Hall*. In: ____ (org). **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais/Stuart Hall. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. pp. 09-21.

STALLYBRASS, Peter. *A Vida Social das Coisas*: roupas, memória, dor. In: _____. **O Casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 5. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Minicurrículo

Rosa Amélia Barbosa

Doutoranda em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Linha de Pesquisa Mediações e Cultura. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), no Instituto Federal do Paraná (IFPR). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), graduada em Educação Artística/Artes Visuais e Pedagogia.